

ORAÇÕES CONFORMATIVAS EM FOCO: UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO

Ivo da Costa do Rosário*

UFF

Myllena Paiva Pinto**

UFF

Resumo: Com base em Abreu (1997) e em Hopper e Traugott (1997), o objetivo deste trabalho é apresentar uma análise do grau de integração das orações conformativas, tradicionalmente reconhecidas como estruturas de subordinação adverbial. As poucas informações sobre o tema indicam a necessidade de uma análise mais detalhada sobre o assunto. À luz da Linguística Funcional Centrada no Uso, um conjunto de fatores formais foi utilizado para a análise das orações conformativas, com base em dados do português brasileiro sincrônico. Atestamos que essas orações apresentam mais traços de parataxe do que de hipotaxe. Assim, concluímos que as orações conformativas são impropriamente alocadas no campo da subordinação adverbial, como tem defendido a tradição gramatical.

Abstract: Based on Abreu (1997) and Hopper and Traugott (1997), the objective of this work is to present an analysis of the degree of integration of the conformative clauses, traditionally recognized as adverbial subordination structures. The few information about the subject indicates the need for a more detailed analysis on the issue. In the light of Usage-Based Functional Linguistics, a set of formal factors was used for the analysis of conformative clauses, based on data from synchronic Brazilian Portuguese. We have confirmed that these sentences present more features of parataxis than hypotaxis. Thus, we conclude that conformative clauses are improperly allocated in the field of adverbial subordination, as has been advocated by grammatical tradition.

1. Introdução

As pesquisas sobre integração de orações têm permeado as agendas acadêmicas dos estudos em linguagem. Isso muito se justifica pela

máxima simplificação com que se tem, ao longo do tempo, tratado do assunto nas gramáticas prescritivas, em que se restringe esse fenômeno basicamente a (dois) processos dicotômicos – subordinação e coordenação. Segundo a visão normativista, esses processos se distinguem por estabelecerem ou relação de independência ou dependência, noções que podem estar relacionadas tanto a critérios sintáticos quanto a semânticos (ROSÁRIO, 2016).

Se, por um lado, a gramática tradicional cumpre o papel de tentar realizar padronizações e garantir que os falantes se compreendam em um dado momento histórico, por outro, deixa algumas lacunas no que se refere às complexidades flagradas na língua, observadas por estudiosos empenhados em descrevê-la em seu curso natural de desenvolvimento.

Os estudos mais recentes têm evidenciado que a dicotomia *coordenação vs subordinação* não dá conta de descrever o processo de integração de orações, em virtude de o conceito de (in)dependência ser discutível, polêmico e difuso (ABREU, 1997). Além disso, as gramáticas costumam usar orações extraídas de textos literários ou utilizar exemplos inventados, não retirados do uso¹ (CARVALHO, 2004), entre outros pontos controversos.

A expressão da noção de conformidade pode ser consubstanciada em uma série de diferentes estruturas morfossintáticas. O nosso foco aqui, dentro desse campo de estudos, é o conjunto das orações conformativas, tradicionalmente denominadas orações subordinadas adverbiais conformativas, ou seja, somente as que são dotadas de verbo. Nesse sentido, é fundamental que estabeleçamos uma distinção entre *oração conformativa* e *construção conformativa*.

Construção conformativa é compreendida, nesta pesquisa, como a reunião de um segmento matriz mais um segmento conformativo. Tanto um segmento quanto o outro podem ser de cunho oracional ou não. A construção conformativa engloba a tradicional oração subordinada adverbial conformativa sem se restringir a ela. Vejamos alguns dados extraídos do *corpus*²:

(01) [**Segundo** o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), entidade patronal do setor], a produção mineral no Brasil cresceu 550% entre 2001 e 2011. Os dados, confirmados pelo Instituto Brasileiro de Análises Socioeconômicas (Ibase), dão a

dimensão do lugar de destaque da atividade no modelo de desenvolvimento implementado no país: nesses mesmos dez anos, um salto na participação da indústria mineral extrativa na composição do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro elevou seu percentual de 1,6% para 4,1%. [*Poli*, n. 38, 2015, p.4]

(02) A Petrobras, que é de longe a empresa que mais puxa o investimento do país, com repercussões em vários setores da economia, também está com um problema muito sério e isso prejudica os investimentos, aponta. Para ele, a previsão de crescimento negativo para o ano que vem, [**conforme** preveem as consultorias privadas], ou mesmo o crescimento pequeno de 0,2% projetado pelo governo não jogam a favor de uma melhoria no mercado de trabalho. [*Poli*, n. 42, 2015, p.17]

(03) Essa brutalidade não está ausente nos movimentos sociais. [**Como** salienta a autora], mesmo no MST – que entende desde sua origem a importância da participação feminina em todas as etapas da luta pela terra, incluindo ocupações e enfrentamentos com a polícia – a discussão sobre gênero era mal vista até meados dos anos 1990: “apesar de toda a experiência vivida nos períodos de ‘luta’, após a obtenção da terra, era comum que as mulheres voltassem aos seus papéis anteriores, subordinadas aos homens” (p.120). [*Poli*, n. 46, 2016, p.32]

(04) O documento foi entregue ao Conselho Nacional de Educação, mas ainda vai ser analisado também em seminários realizados nos estados. [**Segundo** afirmaram os representantes da pasta na cerimônia de entrega desta segunda versão], houve mudanças significativas nos conteúdos das diversas áreas, de forma a esclarecer pontos criticados. No entanto, o desenho da base não mudou. [*Poli*, n. 45, 2016, p.22]

Em (01), temos um segmento conformativo não oracional (“Segundo o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), entidade patronal do setor”). Esse tipo de construção, sem verbo, não se enquadra nos estudos gramaticais normativos sobre a conformidade, pois essa noção é somente estudada no âmbito do período composto.

No máximo, os gramáticos abordam o elemento de conexão que introduz essas construções denominando-o *preposição accidental ou atípica*.

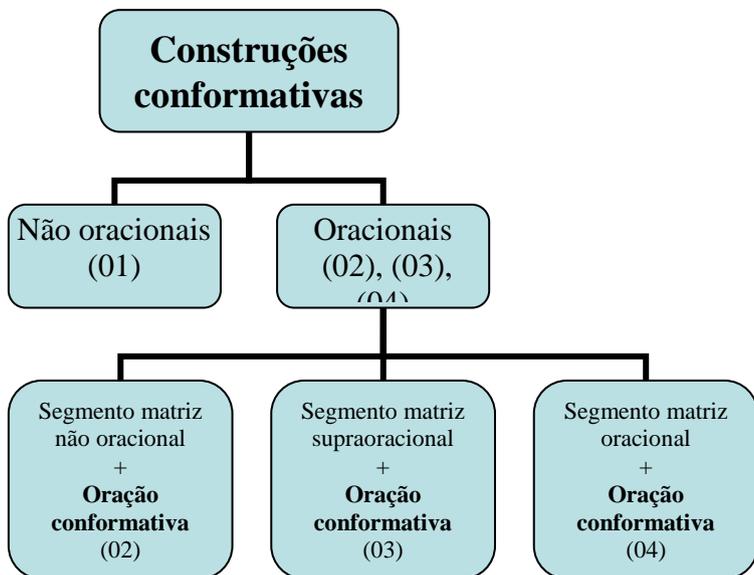
Nos exemplos (02), (03) e (04), há segmentos conformativos oracionais, visto que são estruturas dotadas de verbos, respectivamente *preveem*, *salienta* e *afirmaram*. São dados que estão dentro do escopo deste trabalho. Contudo, são distintos e guardam especificidades entre si, visto que nem sempre as orações conformativas indicadas se referem a toda porção denominada “oração principal” ou oração matriz.

Em (02), por exemplo, o escopo da oração conformativa é focal, visto que não atinge completamente a oração matriz, mas apenas uma parte dela, ou seja, refere-se apenas a “a previsão de crescimento negativo para o ano que vem”. Em outras palavras, a oração conformativa está ligada não a outra oração no sentido pleno do termo, mas a um segmento não oracional, a uma parte da oração.

Em (03), o escopo da oração conformativa é muito mais amplo que uma oração “principal” ou matriz. Trata-se de uma ligação supraoracional, tendo em vista que a oração conformativa “como salienta a autora” liga-se à informação codificada em outras orações subsequentes, que constam no parágrafo.

Por fim, em (04), há uma estrutura mais canônica de construção conformativa oracional, tendo em vista que uma oração conformativa se liga a uma única oração matriz. Esse é o tipo de configuração normalmente abordado pelas gramáticas normativas, que apresentam a ligação de orações como uma relação sempre instanciada entre uma única oração principal e uma única oração subordinada.

Esses dados iniciais servem para ilustrar como a expressão da conformidade é multifacetada em língua portuguesa. O esquema 1 ilustra as suas múltiplas formas de configuração morfossintática. Por uma questão de recorte de pesquisa, focalizamos a nossa análise em casos como os descritos em (02), (03) e (04), em que há uma oração conformativa ligada a, no mínimo, uma oração matriz.



Esquema 1: construções conformativas

Após essas considerações iniciais, com o objetivo de apresentar o foco da investigação proposta, apresentamos uma revisão da literatura, em que são destacadas as principais observações dos gramáticos e linguistas quanto às orações conformativas. Em seguida, na Fundamentação teórica, lançamos as principais bases da Linguística Funcional Centrada no Uso, que dá sustentação a este trabalho. Logo depois, na seção denominada Caminhos Metodológicos, prestamos algumas informações sobre o *corpus* e a natureza da pesquisa em foco. Por fim, chegamos à análise e discussão dos dados, antes das considerações finais e referências bibliográficas.

2. Revisão da Literatura

Em primeiro lugar, é importante apresentar como nosso objeto de estudo está definido no dicionário. Segundo Houaiss (2016), *conformidade* é a “qualidade ou estado do que é conforme: 1) correspondência, analogia ou identidade de forma, modo, tipo ou caráter; 2) ato ou efeito de se conformar, de aceitar, de se pôr de acordo; conformação; concordância”.

As ideias de *acordo*, *analogia*, *correspondência* e *identidade de forma* são bastante caras a este estudo. Essas noções serão recobradas um pouco adiante, no momento da análise de dados.

Sobre as orações conformativas, há pouca informação também nas gramáticas tradicionais, e em algumas delas, sequer são mencionadas. Em alguns casos, o estudo da conformidade fica restrito às conjunções, não sendo desenvolvido nas seções dedicadas às orações.

O quadro a seguir destaca como cinco gramáticas normativas apresentam a chamada oração subordinada adverbial conformativa:

Referência	Definição / Informações
Almeida (1964, p.333)	O autor não define esse tipo de oração, mas sobre as conjunções conformativas afirma que “são aquelas que ligam indicando semelhança, paralelismo, conformidade de ideia”.
Rocha Lima (1972, p.252, grifos nossos)	“[...] traduz a conformidade de um pensamento com o pensamento contido na oração principal . Inicia-se por uma das conjunções <i>conforme</i> , <i>consoante</i> , <i>segundo</i> e <i>como</i> (com o sentido de conforme) e só aceita a forma da oração desenvolvida”.
Kury (1978, p.58)	O autor não define oração conformativa. Apenas lista as conjunções típicas desse tipo de oração e dá exemplos
Luft (1988, p.155)	“[...] denotam conformidade, modo e introduzem-se com as conjunções <i>conforme</i> , <i>consoante</i> , <i>segundo</i> , <i>como</i> e semelhantes”
Bechara (2009, p.327, grifos nossos)	“[...] quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração principal ”.

Quadro 1 – Oração conformativa, na perspectiva tradicional

Entre as gramáticas listadas, percebemos que as definições, além de circulares, se restringem a aspectos semânticos, muito em virtude do significado da conjunção utilizada nesse tipo de oração. Apenas Rocha Lima (1972) dá um passo adiante na definição das orações conformativas, na medida em que consegue associar de algum modo aspectos sintáticos e semânticos.

Devemos sublinhar, contudo, uma informação muito importante, que é destacada mas não explorada pelos gramáticos: trata-se da vinculação da oração conformativa com a declaração contida na chamada oração matriz. O fato de uma informação (presente na subordinada) estar em conformidade com outra informação (presente na matriz) indica uma importante característica dessa construção em língua portuguesa. De certa forma, essa ideia está presente também em Houaiss (2016), quando o lexicógrafo associa conformidade às noções de *acordo*, *correspondência*, *analogia* e *identidade de forma*. Reiteramos que esse traço será explorado mais detalhadamente ao longo da análise de dados.

Em viés funcionalista, Neves (2011) também insere as orações conformativas no grupo das orações adverbiais. A autora, que procura proceder a uma descrição sintática, pragmática e semântica, afirma que a construção conformativa “expressa por um período composto é constituída pelo conjunto de uma oração nuclear (...) e uma conformativa” (NEVES, 2011, p.925). Além disso, a autora acrescenta que as conformativas podem estar antepostas ou pospostas à oração nuclear e ocorrem com o verbo tanto no indicativo quanto no subjuntivo – com exceção das introduzidas por *como*, que só recebem verbo no indicativo.

No que se refere às relações de sentido, assevera que esse tipo de oração exprime “um fato que se dá em conformidade com o que é expresso na oração principal” (NEVES, 2011, p.925). A autora ainda destaca o fato de poder haver dois atos de fala envolvidos no período: quando um determinado falante apresenta uma proposição que foi configurada em conformidade com outro emissor.

Com o objetivo de alargar essa revisão da literatura, também recuperamos o conceito de orações adverbiais veiculado em outras gramáticas. Vejamos:

adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é a função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de subordinadas adverbiais as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal (CIPRO NETO e INFANTE, 1998, p.382).

[oração adverbial é] aquela que indica uma circunstância para a oração principal. Ela desempenha as funções próprias de um advérbio, ou seja, de um adjunto adverbial. Sempre iniciada por conjunção subordinativa adverbial, é essa conjunção que indicará a circunstância que a oração toda expressa; e, de acordo com essa circunstância, reclassificaremos a oração subordinada adverbial (MARTINO e LENZA, 2013, p.192).

Em ambas as definições, podemos detectar problemas básicos. Na definição de Cipro Neto e Infante (1998), a oração adverbial funciona como um adjunto adverbial do verbo da oração principal, conforme está explícito. Os autores não preveem que, em algumas construções, as chamadas orações adverbiais podem, para além de modificar o conteúdo semântico-pragmático delimitado na oração matriz, também alcançar porções textuais maiores ou atingir estruturas não oracionais, como demonstramos nas considerações iniciais deste artigo. Ademais, vejamos mais um dado encontrado no *corpus*:

(05) A mudança radical entre a fase de ascendência do sistema do capital, na qual a luta por melhorias dentro do capitalismo pôde sustentar alguns ganhos defensivos para a classe trabalhadora e a ilusão de um avanço progressivo até sua emancipação da exploração do capital, [como pregava o reformismo socialdemocrata], e a atual fase de crise estrutural provocou enormes alterações na luta de classes. A capacidade do sistema do capital em garantir, como fez antes, a reprodução social universal, ainda que extremamente desigual, passa a ser enormemente comprometida, colocando em risco a própria sobrevivência da humanidade. [Poli, n. 38, 2015, p. 17]

Nesse exemplo (05), a construção conformativa não atinge uma oração ou um verbo exatamente, mas um sintagma nominal (“e a ilusão de um avanço progressivo até sua emancipação da exploração do capital”). Esse dado de língua real vai de encontro com muitas formulações tradicionais de que uma oração adverbial se relaciona sempre com outra oração. Na verdade, a construção oracional conformativa, como ficou claro, pode estar relacionada a um SN.

A acepção defendida por Martino e Lenza (2013) também se apresenta frágil na medida em que atribui apenas à conjunção a responsabilidade de imprimir valor semântico circunstancial à oração, desconsiderando, assim, os demais elementos do contexto comunicativo. Como há conjunções polissêmicas, muitas vezes, é observando outros elementos do contexto comunicativo que identificamos a noção circunstancial expressa na oração subordinada. Vejamos o dado a seguir:

(06) Nem o relatório nem os dados enviados pelo MEC discriminam as instituições responsáveis por essa oferta, mas se somarmos as vagas oferecidas até 2013 com as que foram previstas para 2014, chegamos a 6,9% do total, o que permite deduzir que praticamente todas as vagas dos cursos técnicos do bolsa-formação foram oferecidas pelas instituições privadas de ensino superior. [Como o relatório também informa que a rede federal foi responsável por 14,66% da oferta de bolsa-formação], o cruzamento dos dados permite concluir que, diferente do que se anunciava no início do Pronatec, os IFs têm ampliado sua participação também nos cursos FIC, que não faziam parte da sua ‘tradição’. [Poli, n. 40, 2015, p.23]

O dado (06) ilustra o que afirmamos anteriormente: a inserção de uma estrutura oracional introduzida pela conjunção integrante *que* não permite uma leitura conformativa da conjunção *como*, mas apenas causal. Assim, não basta darmos atenção apenas, em nossa análise, aos conectivos, mas é preciso observar os outros elementos ao redor da construção conformativa.

Chama-nos a atenção a forma como Bechara (2009, p. 471) trata das orações transpositoras que exercem funções adverbiais: o autor não considera as conformativas como “adverbiais propriamente ditas”

(que seriam apenas as de lugar, tempo e modo). Na perspectiva do autor, as conformativas não seriam orações adverbiais prototípicas. Essa é uma pista interessante para a discussão que pretendemos tecer ao longo deste trabalho. Afinal, as conformativas são adverbiais ou não? A análise de dados apontará uma resposta para essa questão.

A verdade é que as poucas informações encontradas indicam a necessidade de uma análise mais detida da construção conformativa oracional em português. Segundo a LFCU, as construções lexicais e gramaticais de uma língua são determinadas por aspectos não só linguísticos, mas também sociais, cognitivos e interacionais. A partir dessa premissa, o objetivo deste trabalho é investigar, com base, sobretudo, na classificação de Hopper e Traugott (1997), o grau de integração das orações conformativas, ou seja, em que ponto de aglomeração estariam no *cline* proposto pelos teóricos. Esses resultados serão contrastados com a proposta de descrição gramatical feita por Abreu (1997), que tomou como base alguns critérios definidos por Haiman e Thompson (1984 *apud* ABREU, 1997).

3. Fundamentação Teórica

Adotamos, neste trabalho, os fundamentos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). A LFCU conjuga uma integração entre discurso, cognição e gramática. Nessa perspectiva, a gramática é vista como um sistema aberto, fortemente suscetível a mudanças e intensamente afetado pelo uso. Assim, a gramática é, por natureza, maleável e suscetível a pressões advindas do cotidiano (CUNHA, TAVARES, 2007; CUNHA, BISPO, SILVA, 2013; ROSÁRIO, OLIVEIRA, 2016).

Um ponto caro à LFCU é o conceito de construção. Segundo Goldberg (1995, p.1), *construções* são “correspondências de forma-significado”. São as unidades básicas e centrais da língua, bem diferente do que indica a Tradição, que foca sua atenção nos níveis da palavra e da oração. Nos termos de Trousdale (2008, p. 306), são unidades simbólicas convencionais (*conventional symbolic unit*) que operam em diferentes níveis da gramática.

Nos termos da LFCU, a formação de uma gramática acontece por meio da rotinização de agrupamentos de palavras do discurso (BYBEE, 2006 *apud* WIEDEMER e ROSÁRIO, 2014). Isso ocorre porque há uma estreita relação entre “a estrutura das línguas e o uso

que os falantes fazem dela” (MARTELOTTA, 2011, p.55). Por isso, nos estudos envolvendo essa abordagem, atenta-se aos contextos extralinguísticos, às situações de comunicação, considerando elementos semânticos, pragmáticos e discursivos nas análises.

A filiação deste trabalho a essa linha teórica justifica-se pela necessidade de uma descrição calcada no uso, bem diferente dos modelos pré-fabricados de períodos compostos tratados pelos estudos tradicionais e formalistas de uma maneira geral. A LFCU concebe a língua como maleável, sem categorias totalmente discretas ou definidas. Logo, entendemos que as construções conformativas oracionais podem ser estudadas à luz do *continuum* categorial cunhado pela teoria.

Essa visão de *continuum* no processo de integração de orações, desenvolvida principalmente por Hopper e Traugott (1997), rompe com a dicotomia coordenação *versus* subordinação, trazendo a perspectiva de possíveis pontos de aglomeração, os chamados *clusters*, em que estariam os diferentes tipos de construções oracionais. Nos termos dessa lógica, “subordinação, coordenação, correlação, justaposição etc. são processos que se inserem em um *continuum*, compartilhando muitas propriedades em comum” (ROSÁRIO, 2016, p.3). De forma bem sintética, os três principais processos de conexão de cláusulas, na abordagem de Hopper e Traugott (1997), são:

- a) *Parataxe*: em que estão as orações justapostas, caracterizadas pela adjacência de dois ou mais núcleos expressos em apenas um contorno entonacional sem a inserção de elementos conectores, ou as coordenadas, que se diferenciam do primeiro tipo porque estão formalmente ligadas por um conector;
- b) *Hipotaxe*: em que existe um núcleo, uma ou mais orações não podem ficar sozinhas e, conseqüentemente, são dependentes. As adverbiais estão inseridas nesse grupo;
- c) *Subordinação* – também chamada de encaixamento: apresenta dependência completa, uma oração está completamente incluída no constituinte núcleo da outra.

Além desses postulados, outras categorias analíticas da LFCU são relevantes. Para este trabalho, destacamos algumas categorias de análise que são úteis à descrição e análise das construções conformativas oracionais. A primeira delas é a *iconicidade*, definida como correlação entre forma e função. Pode ser dividida em três subprincípios, quais sejam: *quantidade*, *proximidade* e *ordenação linear*. Para Croft (1990), uma determinada construção gramatical pode refletir, de alguma maneira, a estrutura do conceito expresso por ela. Aqui, mais especificamente, daremos destaque ao subprincípio da proximidade. Segundo Cunha, Bispo e Silva, esse subprincípio:

manifesta que os conceitos mais integrados no plano cognitivo também se apresentem com maior grau de aderência morfossintática. Quer dizer, a contiguidade estrutural entre os morfemas de um vocábulo, ou entre os constituintes de um sintagma, ou ainda entre os enunciados num texto reflete a estreita relação entre os signos no nível conceitual (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p.2).

Na seção de análise e discussão, vamos demonstrar que o princípio da iconicidade atua fortemente nas construções conformativas oracionais, especialmente no que se refere ao subprincípio da proximidade.

Rompendo com a noção binomial tradicional das categorizações gramaticais, a noção de *prototipicidade* nos ajuda a compreender melhor o fenômeno de integração de orações. Nessa perspectiva, dentro de um grupo específico, de uma categoria, existem elementos que carregam em si os aspectos mais característicos (elementos prototípicos) e os que vão paulatinamente se distanciando desse grupo mais central (elementos marginais) e, ao mesmo tempo, se aproximando de outra categoria, em um *continuum* categorial. O que observamos é que, se até mesmo dentro do rol das construções conformativas não parece haver regularidade e fixidez, demonstrando que há níveis diversos dentro do grupo, parece arriscado afirmar que essas construções estejam confortavelmente instaladas na categoria "orações adverbiais" como um grupo unitário. Nesse sentido, a teoria dos protótipos (TAYLOR, 1995; CAMACHO, 2011) nos dá subsídios

para investigar em que ponto de aglomeração estão as orações conformativas, na medida em que, possivelmente, sequer estejam perfeitamente alocadas dentro das hipotáticas, como preveem Hopper e Traugott (1997) para as adverbiais de um modo geral.

4. Caminhos Metodológicos

De maneira bem específica, a proposta deste trabalho é observar as orações conformativas introduzidas pelos conectivos *conforme*, *segundo*, *como* e *consoante*. A filiação da pesquisa à base funcionalista pressupõe um *corpus* que ofereça dados de língua em uso. Assim, escolhemos como *corpus* os textos publicados na Revista *POLI – Saúde, Educação e Trabalho*, um periódico com distribuição gratuita e disponível para acesso *on-line* (Disponível em <www.epsjv.fiocruz.br/publicacoes/revista-poli>), voltado tanto para professores, profissionais e gestores quanto para alunos.

A opção pelo gênero textual *editorial* justifica-se pelo fato de apresentar uma linguagem simples, concisa e precisa. Além disso, ao compreendermos, de antemão, que a construção conformativa é parte de um todo argumentativo, selecionamos um gênero textual que apresentasse argumentos necessários à defesa da posição assumida pela revista, expondo, conseqüentemente, o ponto de vista defendido (ROSÁRIO, 2007).

Investigamos as construções conformativas nas edições de 2015 e 2016 – ao todo, são nove edições – e detectamos 69 dados. Pelo atalho de busca, procuramos construções em que apareciam os conectores listados nas principais gramáticas (e.g. BECHARA, 2009; NEVES, 2011), quais sejam: *segundo*, *conforme*, *consoante* e *como*. Vale dizer que nosso trabalho é de natureza predominantemente qualitativa, visto que em poucos momentos nos valem de dados quantitativos para destacar diferenças de frequência de ocorrência (BYBEE, 2003).

A análise está baseada principalmente nos estudos de Hopper e Traugott (1997) e de Abreu (1997). Este último lança mão do modelo de análise adotado por Haiman e Thompson (1984 *apud* ABREU, 1997). Segundo esse modelo, algumas propriedades formais são relacionadas à combinação entre a oração principal e a sua subordinada, quais sejam: identidade de sujeito e/ou tempo; redução de uma das orações; incorporação marcada gramaticalmente de uma das orações; ligação entonacional; pertencimento de uma oração ao

escopo da outra; ausência de iconicidade temporal entre as duas orações; e identidade das duas orações, do ponto de vista da perspectiva do ato de fala. Esses são os fatores que servirão como base para a análise a ser apresentada na seção seguinte.

5. Análise e discussão dos dados

Na proposta de Abreu (1997), que serve como uma das principais bases desta pesquisa, as orações conformativas não são analisadas, o que, inclusive, valida a necessidade da nossa pesquisa. Afinal, há um hiato na descrição desenvolvida pelo autor.

Vamos proceder, nesta seção, à análise dos dados encontrados no *corpus*. Apresentamos, a seguir, na Tabela 1, o número dos dados encontrados na Revista *POLI – Saúde, Educação e Trabalho*. A frequência de ocorrência das orações conformativas está distribuída de acordo com o conector que as introduzem:

Edição da Revista	<i>Como</i>	<i>Conforme</i>	<i>Segundo</i>	Total
n. 46	6	1	-	7
n. 45	5	-	1	6
n. 44	3	-	-	3
n. 43	4	-	-	4
n. 42	13	3	-	16
n. 41	9	-	-	9
n. 40	6	-	-	6
n. 39	4	-	-	4
n. 38	13	-	1	14
Total	63	4	2	69

Tabela 1 - Frequência dos dados de acordo com cada edição e conector

Conforme observamos na Tabela 1, ao todo, foram encontrados 69 construções conformativas oracionais no *corpus*. A frequência de ocorrência (BYBEE, 2003) do *como* é bastante superior à dos demais

conectores. Entre as 69 construções conformativas encontradas nas nove edições da revista, em 63 (91,3%) o *como* era conector, em 4 (5,8%) estava o *conforme* e em 2 (2,9%), o *segundo*.

No *corpus* analisado, não encontramos exemplos de uso de construções instanciadas por *consoante*. Acreditamos que o conector *consoante* tenha entrado em obsolescência, em virtude do uso de outros conectores mais produtivos, como, por exemplo, o *como*. Entretanto, essa é uma hipótese que precisa ser melhor desenvolvida e amparada em dados diacrônicos, o que excede os objetivos deste artigo.

Considerando seis dos critérios formais do modelo eleito por Abreu (1997), analisamos os dados encontrados em nosso *corpus*, de modo que possamos chegar, dentro da escala estabelecida pelo autor, ao nível (GIVÓN, 1984) em que estariam as orações conformativas no *cline* de integração de orações.

5.1. Identidade de sujeito e tempo

Citando Haiman e Thompson (1984), o autor propõe que a identidade de sujeito e tempo entre as orações do período seja um traço característico da subordinação. Afinal, uma vez fornecidas essas informações na oração matriz, não precisariam ser retomadas na subordinada. Destacamos o exemplo (07), retirado do *corpus*, para verificar esse critério nas construções conformativas oracionais. Vejamos:

(07) Segundo o artigo ‘A reforma tributária: removendo entraves para o crescimento, a inclusão social e o fortalecimento da federação’, assinado em conjunto pelo professor da Escola de Governo do Legislativo de Minas Gerais, Fabrício de Oliveira, e pelo professor do Instituto de Economia da Unicamp, Geraldo Biasoto Junior, nenhum dos governos do período democrático se dispôs, até hoje, a enfrentar essa questão, “a não ser introduzindo algumas mudanças pontuais e localizadas em sua estrutura, geralmente guiadas pelo imediatismo, que mais contribuiriam para aumentar o seu grau de degeneração do que propriamente para recuperá-lo como instrumento de política econômica e social”. [**Como** explica Rodrigo Orair], a recriação da CPMF, proposta mais concreta

apresentada até agora para aumentar as receitas, não rompe com essa tradição. “Ela é um caminho conveniente, já se sabe administrá-la, mas não muda essa estrutura de tributação. É mais um imposto sobre serviços”, diz o pesquisador do Ipea. [Poli, n. 46, 2016, p. 15]

O exemplo (07) é um caso bastante comum no *corpus*: identificamos que, embora o tempo verbal das orações seja o mesmo (presente do indicativo), o sujeito da oração conformativa é “Rodrigo Orair”, e o da chamada oração principal, “a recriação da CPMF”. Essa falta de identidade dos sujeitos é comum nos dados do *corpus* analisado. Acrescentamos que, nesse dado, destaca-se a fonte da informação (“Rodrigo Orair”), e isso é o mais comum de ocorrer nessas construções.

Apesar de Mateus *et al.* (2003) afirmarem que uma característica das orações conformativas é poder ter sujeito nulo (conforme é chamado na linha formalista a ausência de sujeito expresso), em nosso *corpus*, isso não foi atestado. Em síntese, detectamos que as construções conformativas não precisam obrigatoriamente ter identidade de sujeito e tempo com a oração matriz.

5.2. Redução de uma das orações

Esse critério diz respeito à possibilidade de redução em razão de “redundância discursiva”. Pode-se dar de duas formas: por elipse e por *opposition loss* (perda de tempo finito).

Em nosso *corpus* de análise, não identificamos casos em que houvesse redução de uma das orações, na medida em que destacamos apenas dados em que havia a construção conformativa oracional instanciada por conectivos. Assim, descartamos as construções em que não apareciam verbos.

Reiteramos que, nesta etapa da pesquisa, não nos interessa analisar os casos em que aparecem as chamadas “proposições atípicas/acidentais”, como são conhecidos os itens que introduzem sintagmas sem apresentarem um estrutura oracional (NEVES, 2011). Todavia, não descartamos a possibilidade de, no processo de mudança gramatical, algumas conjunções conformativas terem sofrido redução por elipse, em razão de alguma redundância discursiva existente, e se tornado o que hoje são chamadas de preposições acidentais.

Frisamos que, no *corpus* de pesquisa, não encontramos construções de redução – nem por utilização de verbos em suas formas nominais nem por elipse. A não possibilidade de redução por verbo (gerúndio, particípio e infinitivo) nas construções conformativas é um ponto reconhecido por alguns autores tradicionais, entre eles Rocha Lima (1972).

5.3. Incorporação marcada gramaticalmente de uma das orações

Abreu (1997) define o critério da incorporação marcada gramaticalmente como a possibilidade de uma oração ser parte da outra. A oração que está incorporada perde sua integridade como ato de fala independente.

Chamamos a atenção aqui para o fato de que Abreu (1997) recorre à distinção proposta por Dik (1989 *apud* ABREU, 1997) para *argumentos* e *satélites*, distinguindo a incorporação de argumentos (de 1º grau) da de satélites (2º grau).

São considerados *argumentos* os elementos requeridos por um verbo “para que ele possa ter funcionalidade comunicativa” (ABREU, 1997, p.16). *Satélites*, por sua vez, são as porções que dão informações adicionais ao enunciado, sem que sejam requisitados pelo verbo.

O autor propõe que as construções adverbiais teriam incorporação marcada de 2º grau. As construções conformativas oracionais têm, de fato, incorporação marcada de 2º grau porque não operam de forma autônoma no enunciado e nem participam do esquema argumental do verbo. Vejamos um dado:

(08) O que mais apareceu até agora como solução foram as campanhas voltadas para fazer com que a população reduza seu consumo de água. E [**como mostrou** uma notícia veiculada no portal G1 no dia 6 de fevereiro], elas *podem ter* efeitos desastrosos entre a população. Uma enfermeira da cidade de Araçatuba, no interior paulista, registrou um boletim de ocorrência na polícia contra uma motorista que tentou atropelá-la quando ela lavava a calçada de sua casa. A motorista teria gritado à enfermeira que ela estava “acabando com a água do mundo”. [*Poli*, n. 39, 2015, p. 6]

Aferimos que, em (08), a oração conformativa “como mostrou uma notícia veiculada no portal G1 no dia 6 de fevereiro” não atua como argumento da locução verbal “podem ter”, presente na outra oração matriz. Entretanto, com uma função argumentativa de corroborar/ratificar a informação que é dada na oração matriz, a oração conformativa não opera de maneira independente.

Nesse dado, há a presença de um verbo transitivo não prototípico, pois seu objeto não sofre mudança física, conforme Neves (2011). Esse verbo, com valência aberta (*mostrar*), evidencia que o preenchimento do seu sentido depende da outra oração.

O preenchimento dessa valência não é feito de forma sintática, mas apenas de maneira semântico-pragmática. Esse aspecto da construção conformativa é bastante importante de ser evidenciado, porque não é ela que sintaticamente completa o sentido da oração chamada principal, mas a porção textual com a qual ela estabelece relação de conformidade é que preenche uma lacuna do seu verbo.

5.4. Ligação entonacional

O critério da “ligação entonacional” está relacionado com a ausência de pausa entre duas orações (ABREU, 1997). As orações conformativas encontradas no nosso *corpus*, em sua maioria, estavam separadas por vírgulas da outra oração. Portanto, constitui-se uma ligação de orações mais frouxa, menos integrada, em virtude da pausa expressa graficamente pelo sinal de pontuação.

Aqui, fazemos uma observação importante: mesmo dentro do grupo das chamadas orações conformativas, é provável que encontremos um gradiente, um *cline*, com diferentes graus de prototipicidade. Analisando as considerações que Mateus *et al.* (2003) fazem a respeito do assunto, percebemos que, a depender da posição em que a oração conformativa se encontra, ela pode ter uma ligação entonacional maior ou menor. A ordem e localização da oração não são fortuitas, assim como também sua posição não é rígida. Vejamos duas frases oferecidas por Mateus *et al.* (2003, p. 763):

- a) A decoradora arranjou a sala *conforme lhe recomendaram*.
- b) *Conforme lhe recomendaram*, a decoradora arranjou a sala.

As autoras argumentam que, no primeiro caso, a oração “conforme lhe recomendaram” está em conformidade com a ação de *arranjar*. Em outras palavras, nessa posposição, a conformativa tem a função de atribuir modo ao verbo da matriz. Por outro lado, no segundo caso, na anteposição, a noção de conformidade recai sobre o enunciado da segunda oração: “a decoradora arranjou a sala”. Isso mostra que o nível de ligação entonacional pode variar, mesmo no grupo das conformativas. Assim, argumentamos que algumas conformativas podem modificar todo segmento matriz, ao passo que outras modificam somente um dado elemento dentro da construção. Na maior parte dos casos do *corpus*, houve mais casos de frouxidão, ou seja, conformativas que modificam todo segmento matriz.

É provável que essa possibilidade de variação da força de ligação entonacional da construção conformativa esteja relacionada ao verbo que a instancia. O tipo de verbo mais frequente em nosso *corpus* foi o de elocução (NEVES, 2011). Apesar de o verbo “recomendar” – presente nos exemplos formulados por Mateus *et al.* (2003) – também se enquadrar nesse grupo, ele carrega um valor semântico-pragmático um pouco diferenciado: contém em si uma noção de *modo de fazer*. Essa noção, por sua vez, é ativada pela presença de um verbo de ação (*arranjar*) na oração matriz (NEVES, 2011). Para efeito de comparação, destacamos dois dados a seguir:

(09) É perceptível que nós temos uma agenda que contém novidades graves no que se refere, primeiro, ao tamanho do ajuste fiscal que está sendo defendido e praticado pelos atos concretos do governo. [**Conforme** observou um dos teóricos desse processo], um dos que elaboram essa agenda em curso, o diretor da Casa das Garças, Edmar Bacha, a única maneira de congelar os gastos públicos nos marcos do que está sendo votado [PEC 241/2016, que estabelece um teto de gastos para o governo federal] *é fazendo* modificações constitucionais. [*Poli*, n. 46, 2016, p. 20].

(10) Um dos temas mais presentes nos debates foi o financiamento, que esteve no foco das disputas entre governo e sociedade civil durante a tramitação do PNE no Congresso. Segundo Daniel Cara, coordenador-geral da Campanha

Nacional pelo Direito à Educação, a conferência reforçou a reivindicação por uma maior participação da União no financiamento da área. “Se a prioridade é da educação, [como a Dilma diz], isso tem que reverberar na maior participação do governo federal na área transferindo para estados e municípios”, afirmou. [*Poli*, n. 38, 2015, p. 22]

Em (09), o verbo “observar”, presente na oração conformativa, pode ser inserido no grupo dos verbos de elocução. Se comparado ao verbo “dizer”, do exemplo (10), “observar” tem em si uma função semântica que expressa a forma como um dos teóricos se pronunciou (em forma de observação).

Percebemos que a ligação entonacional pode ser variável dentro do grupo das construções conformativas e depende do contexto comunicativo em que a construção está inserida. Entretanto, nosso *corpus* de análise apenas ofereceu dados de conformativas oracionais mais “frouxas”, ou seja, que modificam a porção de texto maior, e não apenas o verbo, indicando modo, nos termos de Mateus *et al.* (2013).

5.5. Ausência de iconicidade

Abreu (1997) trata da iconicidade no âmbito da ordenação dos elementos do enunciado. Ele afirma que a ordem dos termos, quando há iconicidade, é motivada pela temporalidade em que as ações expressas nas orações acontecem no mundo sociofísico. Para ele, ligação de orações por subordinação não apresenta iconicidade. Vejamos o exemplo a seguir:

(11) Em dezembro do ano passado, Instituto Avon e Data Popular divulgaram uma pesquisa realizada com 2.046 jovens de 16 a 24 anos de todas as regiões do país, sendo 1.029 mulheres e 1.017 homens. Do total, 96% consideraram viver em uma sociedade machista. Mas, [como demonstraram os resultados], grande parte ainda concorda com pressupostos associados à desigualdade de gênero: 68% desaprovam mulheres que têm relações sexuais no primeiro encontro, 80% afirmam que uma mulher não deve ficar bêbada em festas e 25% admitem pensar que mulher que usa roupa curta ou decote está ‘se oferecendo’ para os homens. [*Poli*, n. 38, 2015, p. 25]

Do ponto de vista da temporalidade (ou ordenação linear), as construções conformativas do tipo (11) observadas no *corpus* não demonstram iconicidade. Existe a possibilidade de inversão da ordem das orações sem causar estranheza, conforme teste proposto por Abreu (1997). Entretanto, há iconicidade se observada a partir de outro subprincípio, o da proximidade. A contiguidade estrutural entre os elementos das construções conformativas reflete uma relação estreita entre os signos no nível conceitual. No exemplo (11), percebemos que a oração conformativa está dentro de uma construção de valor adversativo e, juntas, imbricadas, constroem a argumentação.

5.6. Identidade das duas orações do ponto de vista do ato de fala

Este sexto critério tem relação com a diferença entre discurso direto e indireto. Se houver identidade do ponto de vista do ato de fala entre as orações integradas, há subordinação. No exemplo dado por Abreu (1997), percebemos um caso de discurso indireto *stricto sensu*, daqueles que encontramos em textos narrativos, com falas de personagens.

No que se refere aos nossos dados, temos, muitas vezes, dois atos de fala distintos, mas não se trata de um discurso indireto prototípico, porque os dois pontos e o travessão são “substituídos” por conectores conformativos (*segundo, como, conforme* etc.) que, na maioria das vezes, introduzem oração cujo verbo é *dicendi*. Vejamos nos exemplos (12) e (13) a forma como os atos de fala aparecem nas construções conformativas:

(12) Todos liderados ou apoiados por aparatos militares. No entanto, [**como** argumenta o professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Demian Melo], essa definição de golpe de Estado como um processo protagonizado por militares não permite analisar o papel do Legislativo e do Judiciário na legitimação de processos de tomada de poder. [*Poli*, n. 45, 2016, p. 29]

(13) Na política monetária, foram restringidos os canais de ampliação do crédito, ao mesmo tempo em que as taxas de juros tendem a se elevar. No que diz respeito à política cambial, o governo está se isentando de interferir no mercado de câmbio

[**como** vinha fazendo antes]. Em um momento de crise, as pessoas tentam vender reais para comprar dólares. Isso tende a aumentar o preço do dólar, o que significa aumentar a taxa de câmbio [*Poli*, n. 39, 2015, p. 13].

Neves (2011) já destacava que a integração de orações envolvendo construções conformativas poderia englobar dois atos de fala, como foi apontado no início deste trabalho. No caso (12), há dois atos de fala: um está ligado à palavra do professor Demian Melo, e outro à própria fala do autor do texto em análise. É claro que, como dissemos, não se trata de um caso de discurso indireto *stricto sensu*, mas está no entremeio entre um tipo de discurso e outro.

Percebemos que, na maioria dos casos encontrados no *corpus*, não há equivalência do ponto de vista do ato de fala. Nos casos em que se detectava identidade de atos de fala, como em (13), geralmente havia construções ambíguas, cuja função semântico-pragmática não era muito bem definida.

No exemplo (13), percebemos que a ligação entonacional é mais forte que em (12), haja vista que não temos a presença da pontuação dividindo as orações. Aquele, de fato, é um caso em que existe apenas um ato de fala. Observamos também que, além da relação de conformidade, a inserção da conjunção *como* imprime na construção uma noção subsidiária de modo. Essa deve ser a razão pela qual, por algum tempo, alguns estudiosos mantinham as conformativas dentro do grupo das orações de modo (KURY, 1961 *apud* BARRETO, 1999).

5.7. Síntese dos resultados

Ao longo da análise, fizemos um levantamento das características formais das construções conformativas, que não são mencionadas, em geral, nem nos estudos funcionalistas nem nos estudos tradicionais sobre integração de orações.

Como resultado da aplicação do modelo de Haiman e Thompson, Abreu (1997, p.25) elabora um *continuum* com seis escalas e assevera, tomando como base a subordinação, que “as adverbiais são menos prototípicas do que as substantivas e adjetivas restritivas”.

A seguir, a partir das tendências atestadas nos dados encontrados na *Revista Poli*, listamos, em resumo, o comportamento sintático das

orações conformativas oracionais diante dos critérios elencados por Abreu (1997):

- identidade de sujeito
- possibilidade de redução
- + incorporação (2º grau)
- ligação entonacional
- ausência de iconicidade
- identidade de atos de fala

Em uma escala que parte da coordenação até a subordinação, concluímos que o grau de integração das orações conformativas é 1 (um). Com base nos dados de nosso *corpus* de pesquisa, observamos apenas um critério atendido pelas orações conformativas em foco: a incorporação marcada de 2º grau.

Segundo Abreu (1997), as subordinadas prototípicas são as substantivas subjetivas (grau 6), e as coordenadas prototípicas são as aditivas, adversativas e conclusivas (grau 0). As orações conformativas, segundo resultados desta pesquisa, estão no mesmo grau de integração das subordinadas substantivas apositivas, adverbiais consecutivas e coordenadas alternativas e explicativas.

Com relação ao *cline* de Hopper e Traugott (1997), defendemos que não seria possível inserir as construções conformativas exatamente no grupo das hipotáticas, mas estariam próximas às paratáticas, distanciando-se das prototípicas adverbiais, que, na análise de Abreu (1997), são as causais, condicionais, finais e temporais.

6. Considerações Finais

A noção de conformidade é expressa em língua portuguesa por meio de diferentes construções. Além do tradicional arranjo *oração principal + oração conformativa*, há outros, como demonstrado no início deste trabalho, tanto no plano oracional quanto no não oracional. Neste trabalho, o foco de análise esteve concentrado nas orações conformativas propriamente ditas, que é uma parte desse universo.

Com base nos seis critérios formais postulados por Abreu (1997, p. 25), utilizados nesta pesquisa, atestamos que as conformativas não exibem identidade de sujeito e nem possibilidade de redução.

Costumam vir em uma mesma ligação entonacional, sem iconicidade e sem identidade de atos de fala. O único critério que a aproxima do campo do maior encaixamento é a incorporação marcada de 2º grau o que, por si só, é insuficiente para alocá-las no campo da hipotaxe.

Diante das reflexões apresentadas, defendemos que as orações conformativas não podem ser classificadas categoricamente como adverbiais (ou hipotáticas) prototípicas. À luz da LFCU, concluímos que orações conformativas têm mais traços de parataxe do que de hipotaxe, em uma perspectiva de gradiente gramatical.

Em consequência dessa análise, com relação ao *cline* de distribuição de Hopper e Traugott (1997), não podemos inserir as orações conformativas confortavelmente no grupo das hipotáticas, mas, ao contrário, elas estariam mais próximas ao campo da parataxe. Isso as distancia das tradicionais orações subordinadas adverbiais, ideia defendida pela Tradição gramatical.

O caráter de interdependência das conformativas, intuído por vários autores ao falarem em *correspondência*, *acordo*, *identidade de forma* etc. é um forte indicativo de que conformativas, de fato, não têm o perfil geral das hipotáticas, que é o de *adjunção* ou *marginem*. Ao contrário, conformativas revelam-se como orações com acentuada *interdependência*.

Com essas reflexões, não pretendemos esgotar o assunto aqui, tendo ciência de que outras leituras e novas abordagens devem ser feitas, especialmente no plano semântico-pragmático. Entretanto, acreditamos ter dado os primeiros passos na busca de respostas para uma caracterização mais real das orações conformativas no *cline* de integração de orações.

Referências Bibliográficas

- ABREU, A. S. (1997). “Coordenação e subordinação: uma proposta de descrição gramatical”. In: *Alfa*, n. 41, p. 13-37. São Paulo.
- ALMEIDA, N. M. (1964). *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 32. ed. São Paulo: Saraiva.
- BARRETO, T. (1999). *Gramaticalização das Conjunções na História do Português*. Tese. Doutorado em Linguística. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- BECHARA, E. (2009). *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Lucerna.

- BEZERRA, R. (2010). *Nova Gramática da Língua Portuguesa para Concursos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método.
- BYBEE, Joan (2003). "Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency". In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. In: *The handbook of historical linguistics*. Malden: Blackwell Publishing, p.624-647.
- CAMACHO, R. G. (2011). "A classe de palavras na perspectiva funcional". In: _____. (Org.) *Classe de Palavras na Perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: o papel da nominalização no continuum categorial*. São Paulo: Editora da Unesp, p.29-51.
- CARVALHO, C. S. (2004). "Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas". In: *Veredas*, v. 8, n. 1 e n. 2, p.9-27.
- CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. (1998). *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione.
- CROFT, W. (1990). *Typology and Universals*. Cambridge, United Kingdom: CUP.
- CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. (2013). "Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas". In: CEZARIO, M. M; CUNHA, M. A. F. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, p.13-39.
- CUNHA, M. A. F.; TAVARES, M. A. (2007). "Linguística funcional e ensino de gramática". In: CUNHA, M. A. F.; TAVARES, M. A. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: Editora da UFRN, p.13-51.
- DIK, S. (1989). *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris.
- GIVÓN, T. (1984). *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 2 v.
- HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (1984). "Subordination in universal grammar". In: *Annual Meeting of Berkeley Linguistics Society*. 10. Berkeley: Berkeley Linguistics Society.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. (1997). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOUAISS, A. (2016). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1 CD.
- KURY, A. G. (1978). *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. São Paulo: LISA.

- LUFT, C. P. (1988). *Gramática Resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Globo.
- MARTELOTTA, M. E. (2011). *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez.
- MARTINO, A.; LENZA, P. (2013). *Português Esquematizado: gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva*. 2. ed. rev. São Paulo: Saraiva.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- NEVES, M. H. M. (2011). *Gramática de Usos do Português*. 2. ed. atual. São Paulo: Unesp.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios; VOTRE, Sebastião Josué (2009). “A trajetória das concepções de *discurso* e de *gramática* na perspectiva funcionalista”. In: *Matraga*, v. 16, Rio de Janeiro, n. 24, p. 97-114.
- PASCOALE, C. N.; INFANTE, U. (1998). *Gramática de Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione.
- ROCHA LIMA, C. H. (1972). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- ROSÁRIO, I. C. (2007). *Aspectos sintáticos e semânticos do como na linguagem padrão contemporânea*. Dissertação. Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. (2012). *Construções Correlatas Aditivas em Perspectiva Funcional*. Tese. Doutorado em Letras. Niterói - RJ: Universidade Federal Fluminense.
- _____. (2016). “Reflexões sobre o critério da (in)dependência no âmbito da integração de orações”. In: *Línguas & Letras*, v. 17, n. 35, p.252-272.
- _____; OLIVEIRA, M. R. (2016). “Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática”. In: *Alfa*, São Paulo, 60 (2), p.233-259.
- TAYLOR, J. R. (1995). *Linguistic Categorization*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press.
- TROUSDALE, G. (2008). “Words and constructions in grammaticalization: The end of the English impersonal construction”. In: FITZMAURICE, S. M.; MINKOVA, D. (Orgs.). *Studies in the History of the English Language IV*. Berlin, New York (Mouton de Gruyter), p.301-326.

WIEDEMER, M. L.; ROSÁRIO, I. C. (2014). “Língua em uso: gramática, discurso e construções”. In: *Revista Solettras*, n. 28, p.1-11.

Palavras-chaves: Conexão de orações, Hipotaxe, Conformidade.

Keywords: Clause connection, Hypotaxis, Conformity.

Notas

* Doutor em Letras pela UFF e doutor em Letras Vernáculas pela UFRJ. Atualmente é professor adjunto de língua portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF.

** Mestre em Estudos de Linguagem, pela Universidade Federal Fluminense.

¹ No campo dos estudos funcionalistas, Oliveira e Votre (2009, p. 105) apresentam o conceito de uso, de forma bem completa e detalhada: “Em primeiro lugar, [uso] passa a abrigar não só o registro empírico da modalidade falada; as fontes escritas são incorporadas de modo mais efetivo à pesquisa e a intuição do analista é levada em consideração. Outro ponto saliente em relação ao conceito de uso é o destaque para fontes escritas em registro culto, com a incorporação de formas prestigiadas de elaboração linguística de modo mais efetivo à investigação funcionalista”.

² As informações sobre o *corpus* são oferecidas na seção *Caminhos Metodológicos*. Em todos os dados do *corpus* o conectivo responsável pela noção de conformidade é destacado em negrito. Além disso, a oração conformativa é isolada por colchetes.